

BULLYING NA ESCOLA: DESENVOLVIMENTO DE EMPATIA ENTRE ESTUDANTES COMO FORMA DE ENFRENTAMENTO

Camila Mugnai Vieira¹
Jacqueline Bárbara Bueno²
Gabriela Matos Lopes³

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi avaliar os efeitos de Oficinas para desenvolvimento de empatia junto a estudantes de escolas estaduais de Ensino Médio, com intuito de prevenção e enfrentamento do *bullying* no contexto escolar. Aplicou-se a 669 estudantes de nove escolas de uma cidade paulista de grande porte um questionário para caracterização sociodemográfica, a Escala de Violência Escolar (EVE) e o Inventário de Empatia (EI), como pré-teste. A aplicação foi presencial e monitorada coletivamente, com os instrumentos no *google forms*. Três escolas participaram da segunda etapa. As turmas do primeiro ao terceiro ano foram divididas entre grupo experimental (GE) e grupo controle (GC). Os alunos do GE passaram pelas Oficinas, organizadas em 4 encontros, de 1 hora cada, nos quais foram utilizadas estratégias como dinâmicas de grupos, jogos, debates e dramatizações. Foram abordados temas como relações interpessoais, sensibilização para o outro, assertividade na comunicação e ética. Destacaram-se temáticas de diversidade e inclusão, com propostas antirracistas, anticapacitistas, contra preconceitos, enfatizando a igualdade de gênero e direitos humanos. Aplicaram-se os instrumentos citados após as oficinas, como pós- teste. Considerou-se os resultados de 78 estudantes, que participaram tanto do pré quanto do pós- teste, sendo 20 do GE e 58 do GC. Confirmou-se estatisticamente a relação inversa entre empatia e agressão, ou seja, os alunos mais empáticos envolveram-se com menos situações de agressão. Evidenciou-se que os meninos apresentam menor empatia que as meninas e que estas, são mais vítimas dos casos de *bullying*. Não foi possível confirmar os efeitos da intervenção estatisticamente, o que pode ser atribuído à pequena amostra do GE ao final do estudo, dificultando o uso dos testes não-paramétricos. O conhecimento produzido por meio do projeto pode aprimorar intervenções a serem implementadas futuramente nestas e em outras escolas, de forma a melhorar o clima escolar, aumentar empatia e diminuir situações de *bullying*.

Palavras-chave: *Bullying*, Empatia, Estudantes, Ensino Médio, Oficinas.

INTRODUÇÃO

A violência escolar é um fenômeno multidimensional, que abrange dimensões física, sociocultural e simbólica, resultante da interação de diversos fatores (Kappel *et al.*, 2014). Embora apresente variações culturais, o *bullying* é definido como uma violência intencional e repetitiva entre pares, marcada por um desequilíbrio de poder entre

¹ Professora orientadora: Pós-doutora em Educação, Universidade Estadual Paulista/Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências – Marília-SP, Financiamento do projeto: EDITAL PROEC N° 06/2024, EDITAL N° 02/2024, CAADI/COPE, camila.mugnai@unesp.br.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista/Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências – Marília-SP, bolsista CAPES, jb.bueno@unesp.br ;

³ Graduanda do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Estadual Paulista/Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências – Marília-SP, bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq - Edital PROPe Unesp N° 08/2024, gabriela.m.lopes@unesp.br ;



agressores e vítimas, podendo se manifestar por meio de agressões físicas, verbais ou relacionais (Silva *et al.*, 2016; Sampaio *et al.*, 2015).

O ambiente escolar, palco de intensas interações sociais, é desafiado pela diversidade humana. A forma como as diferenças – de gênero, etnia, capacidade, religião, sexualidade, ideias, entre outras – são percebidas e tratadas pode gerar conflitos e dificuldades de comunicação. Contudo, a escola também se configura como um espaço potente para a aprendizagem de competências socioemocionais e o cultivo de relações interpessoais mais saudáveis.

Na adolescência, fase de profundas transformações, ocorrem mudanças corporais, busca por identidade, construção de autonomia e uma forte necessidade de pertencimento grupal, o que frequentemente intensifica crises nos relacionamentos. Esse contexto pode tornar os conflitos entre jovens particularmente densos, resultando em interações problemáticas e até violentas. Por outro lado, os adolescentes, como sujeitos ativos, são capazes de elaborar novas formas de ser e criar possibilidades existenciais, sociais e políticas inovadoras (Ozella, 2003;), sendo que o curso dessa fase depende da interação entre fatores individuais e contextuais.

Diante disso, o Governo Federal instituiu, em 2015, o Programa de Combate à Intimidação Sistemática Lei nº 13.185, que obriga as escolas a adotarem medidas de prevenção e combate ao *bullying*. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça essa diretriz ao incluir, entre suas competências gerais, abordagens socioemocionais como autoconhecimento, empatia, cooperação e cidadania.

A empatia surge como um elemento essencial nesse cenário. Definida como uma habilidade multidimensional, ela engloba componentes afetivo (sensibilidade às emoções alheias), cognitivo (compreensão da perspectiva do outro) e comportamental (intenção de ajudar) Hojat *et al.*, 2002. Pesquisas indicam uma relação entre a empatia e o envolvimento em situações de *bullying* (Neves, 2020). Por ser uma habilidade passível de aprendizado, seu desenvolvimento deve ser intencionalmente promovido em contextos educacionais formais e informais (Roque; Barboza; Vieira, 2025).

As estratégias para cultivar a empatia são variadas, podendo ser integradas ao currículo ou realizadas de forma extracurricular, com foco no autoconhecimento, valores, ética e cooperação. Entre as abordagens mais comuns está o treinamento de habilidades de comunicação, com ênfase no componente cognitivo da empatia (Bombeke *et al.*, 2011). No entanto, a eficácia dessas intervenções depende de um planejamento articulado e contínuo, evitando ações isoladas que possam causar constrangimentos. Combater o



bullying exige um projeto sistematizado e coletivo, voltado para a construção de valores, por tratar-se de uma questão moral (Tognetta *et al.*, 2017).

Nesse esforço, a interface entre Saúde e Educação mostra-se promissora, pois permite articular saberes de áreas como a Psicologia Social e do Desenvolvimento para criar intervenções transformadoras de atitudes, concepções e relações interpessoais. Fica evidente, portanto, a importância de implementar ações com estudantes para prevenir e combater a violência e o *bullying*, por meio do desenvolvimento de habilidades socioemocionais, em especial a empatia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em 2015, as escolas brasileiras registraram uma alta prevalência de *bullying*, atingindo 28% dos estudantes, um percentual elevado se comparado a outros países (Oliveira *et al.*, 2016). As agressões mais frequentes foram as verbais (75,4%), seguidas pelas emocionais (18,4%) e pelas físicas (6,2%) (Vianna *et al.*, 2015).

Os jovens se envolvem nessas situações de três formas principais: como vítimas, como agressores ou no duplo papel de vítimas-agressoras – aqueles que em algum momento sofrem e em outro praticam o *bullying*. Além desses, há as testemunhas, que, dependendo de sua atitude, podem ter um papel decisivo no desenrolar dos episódios (Howard; Landau; Pryor, 2014).

As consequências da violência escolar e do *bullying* podem ser severas, afetando a saúde física e mental, a qualidade de vida e o desempenho acadêmico dos envolvidos (Silva *et al.*, 2019). As vítimas têm maior propensão a apresentar baixo rendimento escolar (Valle *et al.*, 2015), dificuldades de socialização (Souza *et al.*, 2017), sintomas de stress (Sousa; Stelko-Pereira, 2016), transtornos depressivos e até mesmo risco de suicídio (Holt *et al.*, 2015), com impactos que podem perdurar na vida adulta (Wolke; Lereya, 2015).

De acordo com Goffman (1988), grupos ou indivíduos considerados "desviantes" são frequentemente desvalorizados e segregados pela sociedade, sendo tratados pelo seu estigma e por estereótipos, e não como indivíduos com particularidades. Em certos contextos culturais, categorias específicas são estigmatizadas, tornando seus membros socialmente desacreditados. Consequentemente, estudantes pertencentes a grupos socialmente estigmatizados – como pessoas com deficiência, população LGBTQIAP+, negros, entre outros – podem se tornar alvos preferenciais de discriminação e agressão.



A dimensão e os efeitos negativos do *bullying* destacam a urgência de sua prevenção e redução no ambiente escolar. Ações educativas que contam com a participação ativa dos professores geralmente produzem resultados positivos (Ttofi; Farrington, 2011).

Pesquisas associam a baixa empatia a um maior envolvimento em situações de agressão (Van Noorden *et al.*, 2015; Brewer; Kerslake, 2015; Roque; Barboza; Vieira, 2025). Estudos de Jenkins e colaboradores (2014; 2019) identificaram que agressores com pouca empatia tendem a manipular mais suas vítimas, e que mesmo algumas vítimas podem apresentar dificuldades em adotar a perspectiva do outro, possivelmente em decorrência da inferiorização vivenciada. Uma revisão sistemática realizada por Ricci e Cruz (2021) concluiu que o desenvolvimento de competências socioemocionais traz benefícios que vão além da prevenção da violência, contribuindo também para a aprendizagem e para a vida dos alunos fora da escola.

Conforme mencionado, a empatia é uma habilidade que pode ser aprendida e que vem sendo gradualmente integrada aos currículos escolares. Técnicas como dramatização, vivências, simulações e *roleplaying* – onde os alunos experimentam diferentes papéis – têm demonstrado eficácia em aumentar a capacidade empática (Lim; Moriarty; Huthwaite, 2011; Roque; Barboza; Vieira, 2025). O uso de recursos artísticos, audiovisuais, literatura, cinema e poesia, acompanhados de debates reflexivos, também apresenta resultados positivos nesse ensino (Muszkat *et al.*, 2010). Da mesma forma, a narrativa reflexiva sobre experiências pessoais e acadêmicas tem se mostrado um método eficaz para promover a empatia nos estudantes (Shapiro *et al.*, 2006).

Diante do exposto, é crucial ressaltar que, para aumentar a efetividade das intervenções de prevenção e combate ao *bullying*, é necessária uma avaliação criteriosa do contexto escolar e das relações interpessoais. As experiências dos estudantes – sejam eles vítimas, agressores ou testemunhas – e sua interação com variáveis sociodemográficas, incluindo a empatia, são elementos centrais nessa análise (Araújo; Coutinho, 2020).

METODOLOGIA

O estudo adotou uma metodologia de pesquisa-intervenção, caracterizada pela aplicação e avaliação de um programa específico em um contexto educacional real. A investigação foi estruturada em etapas distintas, que englobaram desde um diagnóstico inicial até a mensuração dos efeitos da intervenção, seguindo um delineamento de pré e pós-teste com grupos de controle e experimental.





A fase inicial, pré-teste, consistiu na aplicação de um conjunto de instrumentos a uma amostra ampla de 669 estudantes de nove escolas de um grande município paulista. Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico, a Escala de Violência Escolar (EVE) e o Inventário de Empatia (EI). A aplicação, de caráter presencial e coletivo, foi facilitada pelo uso da plataforma *Google Forms*, assegurando a padronização e agilidade no processo de coleta de dados.

Posteriormente, a pesquisa concentrou-se em três escolas para a etapa de intervenção. Nestas, as turmas do Ensino Médio (primeiro ao terceiro ano) foram sistematicamente divididas em dois grupos: o Grupo Experimental (GE), que foi submetido à intervenção, e o Grupo Controle (GC), que não participou das atividades, permitindo assim uma comparação válida dos resultados. A intervenção ocorreu por meio de Oficinas, estruturadas em quatro encontros de uma hora cada, nos quais foram empregadas estratégias pedagógicas interativas e reflexivas, como dinâmicas de grupo, jogos, debates e dramatizações (*roleplaying*).

O conteúdo programático das Oficinas foi cuidadosamente elaborado para promover competências socioemocionais, abordando temas fundamentais como a qualidade das relações interpessoais, a sensibilização para a perspectiva alheia, comunicação assertiva e a ética. Um eixo central da intervenção foi o forte enfoque em diversidade e inclusão, com a exploração de propostas explicitamente antirracistas, anticapacitistas e contra demais preconceitos, sempre enfatizando a igualdade de gênero e os direitos humanos.

Para verificar a eficácia da intervenção, realizou-se um pós-teste, com a reaplicação dos mesmos instrumentos (EVE e EI) aos estudantes. A análise final considerou os dados pareados de 78 alunos que participaram tanto do pré quanto do pós-teste, sendo 20 integrantes do GE e 58 do GC.

O Quadro 1 detalha o planejamento dos 4 Encontros que compuseram as Oficinas, listando sua organização e materiais. Cada encontro foi dividido em cinco etapas sequenciais, alinhadas a um Tema e uma Intencionalidade específicos: 1. Na Retomada, os participantes compartilhavam eventuais tarefas realizadas após o encontro anterior; 2. O Aquecimento visava integrar o grupo, direcionar a atenção para o tema e sensibilizar os participantes; 3. A Atividade Principal consistia em uma dinâmica ou uso de materiais para engajar todos, fomentando a reflexão e a troca de experiências; 4. O Fechamento era feito por meio de uma síntese dialogada com slides, revisando os conceitos e a

intencionalidade do dia; e 5. Por fim, o Aprofundamento propunha uma tarefa individual ou o envio de materiais de apoio para estender as reflexões do tema durante a semana.

QUADRO 1 – ORGANIZAÇÃO DAS OFICINAS

OFICINA 1	Tema: Presença e Autoconhecimento - Dinâmica Teia dos sonhos
MATERIAL	Material: Um rolo de barbante
INTENCIONALIDADE	Permitir que os participantes compartilhem seus sonhos pessoais e percebam as conexões entre eles, criando um ambiente de empatia e conexão dentro do grupo. Ter cuidado para que todos se sintam confortáveis em compartilhar.
AQUECIMENTO	Comentar brevemente como pode ser interessante compartilhar sonhos e objetivos. Explique como isso pode fortalecer os laços do grupo. Comece perguntando aos alunos se eles já pensaram em seus sonhos ou objetivos para o futuro. Perguntas como “O que vocês sonham em fazer depois que concluir o ensino médio?” Compartilhar sonhos ajuda a construir novas amizades, confiança e compreensão entre as pessoas. Quanto mais conhecemos uns aos outros, mais fortes ficam nossos relacionamentos. Realize uma breve atividade de quebra-gelo. Por exemplo, peça que cada participante diga seu nome e compartilhe uma breve curiosidade ou algo que a pessoa gosta de fazer ("viajar" ou "cozinhar"). Isso ajudará a relaxar e criar um ambiente de confiança. (Se atentar se há tempo para isso).
ATIVIDADE PRINCIPAL	Instruções: Explique que cada um compartilhará um sonho pessoal e que o barbante será usado para simbolizar as conexões entre eles. Formar um círculo, segurar a ponta do barbante e passar o rolo para o próximo participante. O processo continua até que todos tenham compartilhado seus sonhos e a teia de barbante esteja formada. Esclarecer que esta dinâmica é importante a participação de todos, caso tenha dificuldade em compartilhar um sonho que considera muito pessoal, compartilhe um dos sonhos que pode ser compartilhado com todos. Início: Com o rolo de barbante em mãos, verificar quem gostaria de começar com a dinâmica, a pessoa começa falando um pouco de um dos seus sonhos, tentar garantir silêncio do grupo para que todos possam se ouvir. Depois que a pessoa terminar de falar um pouco sobre seu sonho ela escolhe alguém para dar continuidade na dinâmica.
FECHAMENTO	Após todos falarem sobre seus sonhos, o educador faz algumas perguntas para que o grupo refletir. Sugestões: “Alguém percebeu que tem sonhos em comum com algum colega? Percebe a conexão entre eles? É possível perceber que tem muitos sonhos diferentes também?” Pergunte como se sentiram ao compartilhar e ouvir os sonhos dos outros. Compartilhe seu próprio sonho ou uma experiência pessoal para humanizar a conversa.
APROFUNDAMENTO	Incentive-os a continuar a compartilhar seus sonhos, seja em sala de aula, com amigos ou familiares. Inspirar os alunos a reconhecerem a importância de compartilhar seus sonhos e o impacto positivo que isso pode ter em suas vidas e nas vidas dos outros.
OFICINA 2	Tema: Empatia Afetiva – Dinâmica À primeira vista
MATERIAL	Slide: À primeira vista – profissões
INTENCIONALIDADE	Sensibilizar os participantes para a diversidade, promover reflexões sobre estereótipos e preconceitos, e incentivar a empatia e o respeito nas relações interpessoais. Conscientização sobre os julgamentos iniciais que fazemos ao conhecer pessoas, compreensão das consequências dos preconceitos, e estímulo ao diálogo sobre diversidade.



RETOMADA DO ENCONTRO ANTERIOR	Criar um ambiente de empatia entre os participantes.
AQUECIMENTO	Realizar uma breve conversa inicial com os participantes, apresentando os <i>slides</i> com as fotos das pessoas e propor que digam uma profissão para cada pessoa. As fotos incluem pessoas de diferentes etnias, idades, gêneros, culturas, profissões e aparências. Escrever na lousa suas opiniões, deixar todos confortáveis para opinar sobre uma profissão.
ATIVIDADE PRINCIPAL	Apresentar as 10 profissões que corresponde às fotos. Solicitar que os participantes analisem as imagens e atribua uma profissão possível para cada pessoa. Como estaremos em duplas, uma pessoa escreve na lousa os números de 1 a 10 e a outra vai trocando os slides. Dar início perguntando quais profissões eles acham que aquelas pessoas têm. Certifique-se de que todos tenham a chance de falar o que pensam, caminhe pela sala para mostrar proximidade e vá perguntando o que eles acham. A ideia é perceber como julgamos os outros apenas pelo que vemos. Chegar a um consenso suas percepções e justificativas. Registre as respostas das profissões em um quadro para facilitar a visualização geral. Revelar as profissões correspondentes de cada pessoa, verificar se os alunos acertaram a profissão baseado na sua aparência.
FECHAMENTO	Estimular uma conversa sobre como os estereótipos e preconceitos podem impactar as relações interpessoais e profissionais. Perguntar aos alunos: "O que influenciou suas escolhas?", "Vocês se sentiram seguros em suas respostas?", "Alguma resposta foi baseada apenas na aparência da pessoa?" O que isso os fez pensar sobre seus próprios preconceitos, além de preconceitos que já sofreram ou presenciaram no dia a dia. Incentivar os participantes a expressarem como se sentiram durante a atividade e o que aprenderam.
APROFUNDAMENTO	Realizar uma roda de conversa com os alunos, compartilhar experiências sobre superação de estereótipos. Reforçar a mensagem de que as primeiras impressões nem sempre refletem a realidade, e que é essencial praticar a empatia e evitar julgamentos. Incentive todos a levar essa reflexão adiante, não só na escola, mas também na vida, prestando atenção ao impacto que as primeiras impressões têm nas nossas relações, principalmente para eles, que em breve estarão no mercado de trabalho ou na vida acadêmica.
OFICINA 3	Tema: Percepção Empática – Dinâmica Preparação da Dramatização
AQUECIMENTO	Iniciar com uma breve retrospectiva das duas primeiras oficinas e o que foi conversado durante esses encontros, deixando espaço aberto para que os alunos nos contem o que ficou de aprendizado ou algo que queiram comentar sobre as oficinas como uma estratégia de reflexão sobre o <i>bullying</i> e suas consequências. Após esse primeiro momento de conversa apresentar aos alunos a ideia para oficina 04 e encerramento de nossos encontros no qual consistirá em uma dramatização criada pelos próprios alunos contendo uma cena em que haja conflitos relacionados ao <i>bullying</i> , preconceito, exclusão, violência, etc.
ATIVIDADE PRINCIPAL	Dividir os alunos em grupos, (2 ou 3 equipes, vai depender da quantidade de alunos), conduzir as orientações para a construção de uma cena curta. Deixar a escolha do cenário livre para que cada equipe crie sua cena podendo ser ambientada na escola, na rua, no shopping... Orientar os alunos da participação deles no grupo, cada um participa como preferem, não sendo obrigatório todos a participar na atuação da cena. Dar autonomia para os alunos escolherem os personagens como, por exemplo, vítima e agressor fiquem claros aos espectadores bem como a situação que estão interpretando (racismo, homofobia, <i>bullying</i> etc.). Esclarecer para os alunos que o desfecho da cena não será feito por quem está atuando, o fim da cena não vai se encerrar pelo grupo que está apresentando, a proposta será, chegando ao final da apresentação, os alunos irão pausar a cena e os espectadores irão entrar em cena e interceder dando um final positivo para a situação.
FECHAMENTO	Com os grupos formados, os alunos então deverão discutir sobre como será a cena, qual o tipo de <i>bullying</i> /violência irão representar, como serão as reações de vítima e agressor, quantos personagens terá e quais elementos desejam trazer para compor a dramatização (música, imagens, entre outros). Após os alunos terem criado um roteiro, ensaiar a cena.

APROFUNDAMENTO	Reforçar para os grupos a importância de demonstrar através da cena alguma situação de conflito, que fique claro para os expectadores a mensagem que o grupo traz na cena, criando reflexão para os alunos.
OFICINA 4	Tema: Adoção de Perspectiva. Dinâmica: Dramatização
MATERIAL	Mala com apetrechos para figurino
INTENCIONALIDADE	Conscientização e combate ao <i>bullying</i> , no qual as oficinas propiciaram o desenvolvimento de habilidades de empatia, consciência social e respeito ao próximo. Perceber preconceitos, voltar-se à alteridade, compreender e respeitar diversas visões de mundo e de vida. Adotar perspectiva do outro, diferente de mim, e que pode me mobilizar afetos variados positivos e negativos.
RETOMADA DO ENCONTRO ANTERIOR	Reforçar comportamentos positivos e conciliadores referentes as temáticas abordadas durante as oficinas.
AQUECIMENTO	Apresentar os objetos da mala e incentivá-los a usar, como parte da encenação de seus personagens, importante nesse momento de preparação de cena. Conferir se o grupo entendeu a proposta da cena, como vai ocorrer, os personagens e a temática, caso esteja tudo organizado iniciar o ensaio da cena. Osicineiros devem frisar a importância de ter um desfecho positivo, caso o aluno que intervir não seguir as orientações será necessário a intervenção do aplicador da dinâmica para finalizar de forma coerente e positiva.
ATIVIDADE PRINCIPAL	Dramatização (Técnicas de <i>Roleplaying</i> , Psicodrama e Teatro do Oprimido). Cada grupo apresenta uma breve cena de diálogo com conflito em função de dificuldade de ver pela perspectiva do outro, divergência/diferença intensa, preconceitos, julgamento alheio. Personagens, enredo, improvisação. Encenar e pausa sem resolução. Quem quiser entrar na cena e substituir um deles ou agrega novo personagem para conclusão empática da situação.
FECHAMENTO	Compartilhar reflexões, estimular um diálogo com os alunos, e juntos possam contar sobre as experiências da dramatização. Enfatizar a conscientização e combate ao <i>bullying</i> , a discriminação, preconceitos, inclusão e empatia, que são os objetivos do projeto.
APROFUNDAMENTO	Criar um momento de conscientização dos participantes, mudança contínua de perspectiva e comportamento.
INTENCIONALIDADE	Promover a conscientização do <i>bullying</i> , desenvolver habilidades de empatia e respeito ao próximo.

Fonte: Autoria própria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final, participaram das duas etapas do estudo, classificadas como pré-teste e pós-teste 78 alunos das três escolas que concordaram em participar das atividades de empatia e prevenção ao *bullying* divididos em: 24 (30,8%) alunos cursando 1º ano do Ensino Médio; 38 (48,7%) alunos cursando o 2º ano do Ensino Médio e 16 (20,5%) alunos cursando o 3º ano do Ensino Médio.

A média de idade foi de 15,9 anos, com variação entre 14 e 17 anos, e um desvio padrão de 0,8. Dos 78, 05 (6%) tinham algum tipo de deficiência. Em relação à renda familiar, 62,8% (49) dos alunos informaram que variava entre 1 e 3 salários-mínimos; 26,9% (21) relataram renda de até 1 salário-mínimo; 5% (04) indicaram renda entre 3 e 5 salários-mínimos; 3,9% (03) entre 5 e 7 salários-mínimos; e apenas 1,3% (01) reportou renda superior a 7 salários-mínimos.

A etnia mais mencionada foi a branca, representando 57,7% (45) dos participantes, seguida pela etnia negra, com 19% (15), enquanto 16,7% (13) se autodeclararam pardos, 1,3% (1) indígena, e 1,3% (1) se identificou como amarelo. Entre os sexos, a prevalência foi do sexo feminino, representando 62,8% (49) dos participantes; o sexo masculino correspondeu a 37,2% (29).

Quando questionados sobre o gênero com o qual se identificavam, 57,7% (45) dos participantes se identificaram como mulheres cisgênero, 30,8% (24) como homens cisgênero, 1,3% (1) como mulher transgênero e um total de 10,2% (8) dos participantes não respondeu ou não soube informar. Na pergunta sobre sexualidade, a maioria dos participantes, 79,5% (62), se declarou heterossexual; um total de 7,7% (6) identificou-se como bissexual, 6,4% (5) como homossexual, 1,3% (1) como assexual e 1,3% (1) como pansexual; além disso, 3,9% (3) dos participantes não responderam ou não souberam informar.

A média da qualidade de vida, em uma escala de 0 a 10, foi de 8, com um desvio padrão de 1,8. Em relação à avaliação do desempenho escolar, a maioria dos participantes (45%) classificou-o como bom, 35% como regular, 14% como excelente, 5% como ruim. O estudo apresenta uma análise comparativa entre um Grupo Experimental (GE) e um Grupo de Controle (GC), avaliando os escores totais de Empatia, Vitimização e Agressão em dois momentos distintos: pré-teste e pós-teste.

Tanto no pré-teste quanto no pós-teste, os valores de 'p' para comparação de GC e GE não foram inferiores a 0,05, indicando que ambos os grupos eram equivalentes, tanto em relação à empatia quanto à vitimização e agressão, ou seja, não foram evidenciadas mudanças estatisticamente significativas em função de um grupo ter passado pela intervenção e o outro não.

O número final de participantes que responderam ao pré e pós-testes, especialmente do GE (20), dificultou a realização de cálculos estatísticos não-paramétricos para a comparação intra e intergrupos, o que demandaria uma amostra maior. Apesar disso, alguns cálculos foram realizados e seus resultados são apresentados na sequência. Os valores de P foram obtidos, sendo que quando P é inferior a 0,05 (5%), considera-se que o resultado reflete a realidade, validando a hipótese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise estatística desses dados confirmou a hipótese central do estudo, ao evidenciar uma relação inversa e estatisticamente significativa entre empatia e agressão, indicando que os alunos com maiores níveis de empatia se envolveram em menos situações de agressão. Ademais, os resultados trouxeram à tona distinções relevantes ligadas ao gênero, mostrando que os meninos apresentaram níveis de empatia inferiores aos das meninas, que, por sua vez, se revelaram como as principais vítimas nos casos de *bullying* relatados.

Embora os resultados quantitativos não tenham alcançado significância estatística para confirmar os efeitos da intervenção, limitação atribuível principalmente ao tamanho reduzido da amostra do grupo experimental no pós-teste, restringindo a análise, o conhecimento gerado pelo projeto constitui um valioso legado. As lições aprendidas com o planejamento e a execução das Oficinas ofereceram um substrato fundamental para o aprimoramento de intervenções futuras, não apenas nas escolas participantes, mas em outras instituições de ensino. Aperfeiçoar e expandir tais iniciativas é um caminho promissor para, em última análise, melhorar o clima escolar, elevar os níveis de empatia e reduzir efetivamente a ocorrência de *bullying*.

REFERÊNCIAS

- BOMBEKE, K. et al. Medical students trained in communication skills show a decline in patient-centered attitudes: An observational study comparing two cohorts during clinical clerkships. **Patient Educ Couns**, v. 84, p. 310–318, 2011.
- BRASIL. **Lei n. 13.185**, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF, 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm). Acesso em: 10 mar. 2022.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, SEB, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- BREWER, G.; KERSLAKE, J. Cyberbullying, self-esteem, empathy and loneliness. **Computers in Human Behavior**, n. 48, p. 255–260, 2015.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GÓRRIZ, A. B.; GÓMEZ, K. C.; BADENES, L. S. Análisis de la evitación de responsabilidad en preadolescentes implicados en acoso escolar. **International Journal of Developmental and Educational Psychology: INFAD**. Revista de Psicología, v. 2, n. 1, p. 39-48, 2011.
- HOJAT, M. et al. Physician empathy: Definition, components, measurement, and relationship to gender and specialty. **Am J Psychiatry**, v. 159, p. 1563–1569, 2002.
- JENKINS, L. et al. Associations among middle school students' bullying roles and social skills. **Journal of School Violence**, v. 15, n. 3, p. 259-278, 2014.

JENKINS, L. N.; NICKERSON, A. B. Bystander Intervention in Bullying: Role of Social Skills and Gender. **The Journal of Early Adolescence**, v. 39, n. 2, p. 141-166, 2019.

KAPPEL, V. B. et al. Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes atores. **Interface-Comunicação, Saúde e Educação**, v.18, n.51, p. 723-35, 2014.

LIM, B. T.; MORIARTY, H.; HUTHWAITE, M. “Being-in-role”: A teaching innovation to enhance empathic communication skills in medical students. **Med Teach**, v. 33, p. 663-669, 2011.

MUSZKAT, M. et al. Teaching empathy through poetry: A clinically based model. **Medical Education**, v. 44, p. 503, 2010.

NEVES, M. A. P. Empatia, assertividade e envolvimento em comportamentos de bullying em adolescentes. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Lusíada do Norte. Porto, 2020.

OLIVEIRA, W. A. et al. Associations between the practice of bullying and contextual variables from the aggressors' perspective. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 92, n. 1, p. 32-39, 2016.

OZELLA, S. **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

RICCI, T. F.; CRUZ, J. A. S. O desenvolvimento das competências socioemocionais em alunos da educação básica como ferramenta de combate ao “bullying” nas escolas. **Nuances Est. Sobre Educ.**, Presidente Prudente, v. 32, 2021.

ROQUE, A. B.; BARBOZA, I. S.; VIEIRA, C. M. A empatia e a qualidade de vida de estudantes do ensino médio. In: VIEIRA, C.; GOMES, M.; MIGUEL, P.; CONCEIÇÃO, A. (orgs.). **Educação especial em ação**: pesquisas e experiências inspiradoras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. cap. 5. p. [77 - 92]. DOI: 10.51795/9786526519288.

SHAPIRO, J. et al. Point-of-view writing: A method for increasing medical students' empathy, identification and expression of emotion, and insight. **Educ Health** (Abingdon), v. 19, p. 96–105, 2006.

SILVA, G. P. da et al. Bullying e violência no ambiente escolar: uma revisão de literatura no período de 2015-2019. **Revista Eletrônica Acervo Saúde / Electronic Journal Collection Health**, v. 11, n. 13, p. 1-8, 2019.

SILVA, J. L. et al. The effects of a skill-based intervention for victims of bullying in Brazil. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Switzerland, v. 13, n. 10, p. 1042-1052, 2016.

SILVA-XAVIER, E. A. DA; POLEJACK, L.; FLEURY SEIDL, E. M. Comunicação de Notícias Difíceis: Revisão Integrativa Sobre Estratégias de Ensino na Formação Médica. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 12, n.3, p. 47-61, 2020.

SOUSA, M. M. M.; STELKO-PEREIRA, A. C. Relações entre violência escolar, gênero e estresse em pré-adolescentes. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 1, p. 110-127, 2016.

SOUZA, J. A. et al. *Bullying*, identidade e direitos humanos no contexto escolar. **IV Congresso Nacional de Educação**, VOL. 1, 2017.

TOGNETTA, L. R. P. et al. Bullying e cyberbullying: quando os valores morais nos faltam e a convivência se estremece. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 3, p. 1880-1900, 2017.

VAN NOORDEN, T. H. J. et al. Empathy and Involvement in Bullying in Children and Adolescents: A Systematic Review. **J Youth Adolescence**, v. 44, p. 637–657, 2015.

